



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13128 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

A POTÊNCIA COLORIDA DOS BEBÊS: LINGUAGENS COTIDIANAS EM CURRÍCULOS INVENTIVOS

Fernanda Binda Alves Touret - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Andrea dos Santos Gabriel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

A POTÊNCIA COLORIDA DOS BEBÊS: LINGUAGENS COTIDIANAS EM CURRÍCULOS INVENTIVOS

Resumo: O objetivo deste estudo é explorar os processos inventivos dos bebês que se movimentam em currículos cotidianos camuflados em uma suposta inexistência na Educação Infantil, mas evidentes em suas expressões corporais e palavras não ditas, comunicando novos mundos de aprendizado que ultrapassam as fronteiras do som. A metodologia utilizada foi a cartografia, traçada ao longo das experiências vividas em um Centro Municipal de Educação Infantil em Vitória/ES. O estudo analisou as tramas que afirmam a vida comunicativa e potente dos bebês, desviando-se de padrões por meio de modos singulares e múltiplos, encontrando maneiras de resistir a dogmatismos através da pulsante linguagem, criação, busca e aprendizado em conjunto com outros corpos, afetos e inventividades ao longo dos caminhos. Por fim, (in)concluímos por entre as multiplicidades nômade do aprendizado junto aos bebês que tanto comunicam. **Palavras-chave:** Bebês. Linguagem dos bebês. Cotidianos. Currículos.

Introdução: Além das bordas

A arte... As bordas.

Por aí se vê, no dicionário, que essa palavra que falava de bordura passou a evocar o próprio navio. Subir a bordo, é o que se diz. Resta o mar, que seria o fora.

E resta indagar se a obra de arte não puxou ao peixe voador, àquele fora cuja natureza não é idêntica à que nos é conferida pela domesticação simbólica, e que nos embarca no que pode ser denominado a história. Se o peixe voador parece extravagante, nada impede de pensar que, apesar da incessante calafetagem, o fora transpira, e o que vem fazer essa poça que reflete o rosto de quem olha e faz-se de

espelho, sem sê-lo. Diz-se que o mar espelha, embora ninguém se veja nele (DELIGNY, 2015, p.147).

Deligny (2015) nos convida a explorar os encontros inventivos em um Centro Municipal de Educação Infantil em Vitória/ES, em que bebês descobrem e comunicam novidades além das fronteiras estabelecidas, navegando por currículos que desafiam as linhas retas e rompem as amarras que tentam aprisionar seus corpos. Por outro lado, Foucault (2004) nos instiga a questionar os movimentos automatizados que muitas vezes transformam esses corpos em meros carimbos estéreis (Imagem 1), desprovidos de múltiplas invenções que transbordam a Educação Infantil junto aos cotidianos inventivos. Nesta imagem 1, problematizamos questões sobre as contenções corpóreas que os bebês vivenciam em seus cotidianos, limitando suas potências de criação.

Imagem 1: Carimbando linhas duras



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Nesse contexto, os bebês exercem uma força que, segundo Foucault (1995), gera resistência, pois se estabelece onde o poder tenta se impor. Ao fazê-lo, desafiam estereótipos estáticos e desconexos de um pensamento que fabula, que deseja múltiplas possibilidades e questiona outros modos de pensar.

Em nossa pesquisa com bebês, buscamos explorar seus processos inventivos que percorrem currículos camuflados em uma suposta inexistência nos cotidianos da Educação Infantil, mas que são permeados por manifestações corporais e expressões não verbais que anunciam novos mundos aprendentes e transbordantes, repletos de encontros e multiplicidades comunicantes.

No entanto, nos deparamos com uma pedagogia tarefaira que insiste em carimbar mãos e pés de bebês em produções estereotipadas, anulando suas potências criativas e transformando seus saberes-fazeres em algo formatado e convencional. Essa ótica distorcida nos limita a enxergar apenas as produções estéticas que o olho adultizado está condicionado a ver, despotencializando a multiplicidade das artistagens comunicantes que irradiam saberes criacionais em caminhos percorridos pelas descobertas e inventividades dos bebês.

Diante disso, Foucault (1995) nos alerta que onde há poder, surge a resistência, e é nessa força que os bebês encontram espaço para romper com os estereótipos estáticos e problematizar modos outros de pensar e agir, produzindo alegrias no corpo (LAPOUJADE, 2015).

Os bebês percorrem currículos encarcerados, que muitas vezes os subjagam a uma estética estereotipada, empalidecendo seus processos inventivos. Contudo, eles encontram maneiras de transbordar essas barreiras e inundar *espaçostempos* com a cultura dos bebês, através de movimentos revolucionários e rasgos penetrantes que lançam feixes de luz em suas criações.

Dentro desses encarceramentos curriculares em seus cotidianos, os bebês são lançados em uma proteção vazia e opaca, onde os limites são apenas uma linha tênue e onde só é possível rompê-los através de um frenesi explosivo (FOUCAULT, 2009), permitindo que eles expandam suas experiências inventivas em modos únicos e distintos.

Assim, em meio às possibilidades deslizantes entre as forças, nos aventuramos a explorar os sons audíveis das palavras não ditas pelos bebês. É nos encontros e afetos que transbordamos a potência do devir-bebê, carregando consigo a novidade dos movimentos aprendentes, em constantes trajetórias errantes que produzem aprendizagens inventivas além das amarras curriculares. Para tanto, adotamos a cartografia como metodologia desta pesquisa, nos movendo pelos territórios cotidianos dos bebês em encontros inéditos que nos afetam e nos transformam sem distanciamentos durante o processo.

Ao longo do estudo, transitamos por encontros e buscas junto aos bebês, explorando a potência dos infindáveis modos de comunicação no universo da Educação Infantil. Em sua primeira parte, escapamos por veios em que as não palavras se tornam comunicantes, junto a currículos que desviam. Em seguida, nos deparamos com um arco-íris em pequenas mãos, que transbordam as descobertas coloridas e transgridem a docilização dos corpos.

Prosseguimos por encontros através dos arcos-íris que espiralam bebeversações ^[1], ditos não-

dizíveis que comunicam tanto quanto as palavras. Seguimos, portanto, problematizando por meio de indagações ao longo dos caminhos.

Palavras não ditas: o que elas reverberam junto aos saberes e fazeres dos bebês?

A voz faltante
 Certo, existe a voz e, se nos fiarmos apenas no som, existe a via.
 A via é feita para o ir, enquanto a voz parece feita para o falar.
 Poder-se-ia pensar, portanto, que houve a voz, graças à qual o falar adveio.
 Da mesma maneira, haveria a via, e tudo o que resta é ir aonde ela conduz.
 Seguir a via traçada está, portanto, ao alcance do ser mais humilde.
 [...]

 A via é traço? Se for, esse traço, é preciso tomá-lo. Bem sabemos, no entanto, que o obrigatório convida à esquivas: daí a liberdade (DELIGNY, 2015, p. 211-212).

Com essa e outras perguntas que surgem no universo dos bebês, não é possível seguir um plano duro e pré-estabelecido. Em vez disso, somos convidados a seguir o voo do peixe que cartografa o extraordinário e inaudito do que os corpos dos bebês podem fazer, juntamente com suas fabulações policromáticas e invencionices que somente eles conseguem comunicar. As palavras não são as únicas a ecoar outros mundos possíveis.

Diante disso, Deligny (2015) nos leva a questionar a falta de uma palavra, uma ausência de voz que parece não comunicar aos ouvidos e corpos adultizados. No entanto, ele nos incita a olhar para além disso, a buscar os encontros com os bebês e observar os efeitos desses ajuntamentos. Devemos auscultar seus sinais em vias que desviam da comunicação padronizada e esperada. São meios pelos quais os bebês descobrem fendas onde pulsam achados insólitos, e nos envolvemos em uma trama de conversas comunicantes que nos libertam das malhas de um poder que tenta estereotipá-los em uma doçura superficializante. Assim, encontramos modos outros de rachar as palavras (Deleuze, 2013) por meio dessas comunicações inauditas.

Com a intenção de permear novas possibilidades de encontros com os bebês, movemos currículos desviantes que buscam respirar fora do ambiente asfíxiante dos afetos que desconsideram, por vezes, as descobertas corporais dos pequenos. Desejamos currículos por redes de conversações que enovelem e concebam

[...] a questão de que a conversação não acontece sem ser criada e sustentada pela participação ativa, assim como as conversações e as ações ocorrem atravessando diferentes protagonistas localizados em esferas interpenetradas da ação educativa curricular [...] (CARVALHO, 2019).

Ousamos arriscar a afirmação de que as conversas com os bebês se transformam em bebeversações, nas quais olhares, gestos, encontros, silêncios e curiosidades comunicam exuberantemente movimentos aprendentes que pulsam em arcos-íris policromados por uma multiplicidade inventiva.

Um arco-íris pelas mãos do bebê

Imagem 2: Colorindo outros mundos



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

[2] O bebê se lança a manusear a materialidade ofertada pelas tintas e suas texturas
 Nesse percurso experimenta cada uma delas
 e se encontra com as sensações que seu corpo desfruta
 De repente, um arco-íris nas mãos!
 Ele se vira para mostrar o novo achado
 e se encanta como o inédito expresso no corpo
 em que as palavras se tornam (des)necessárias.

Quem sabe um novo estudo com os bebês e as cores? Algo que se desprenda dos afazeres de uma paleta didática, tão estratificante quanto quando a docência se presta a caminhar pela ordem segmentada das cores primárias até suas misturas mais que automatizadas, à espera do novo desbotado pelos caminhos já tão pisoteados... como se esse fosse o único caminho ao mar por ser navegado.

Transbordemos! Pois falamos de um estudo com os bebês que se desloca pelo inesperado variegado, encontrado longe da palidez colorífica, numa multiplicidade de azuis esverdeados, que se tornam surpreendentes diante do alaranjado encontro das descobertas alegres. Longe dos pincéis que demarcam uma espessura exclusiva do traço, fiando caminhos opacos.

Muitas vezes a docência é lançada a uma força que subjuga os bebês sob a alegação

de sua suposta incapacidade. Mas aludimos nossos olhares justamente pelas lacunas que promovem tantas possibilidades inventivas de os bebês se comunicarem por linguagens tão bradantes, como palavras inauditas expressas na corporeidade que tanto fala.

Nesse fluxo, os corpos dos bebês fazem funcionar um deslocamento em que as palavras não ditas, muitas vezes, são arrastadas por olhares e mãos que percorrem os objetos a descobri-los. Neles traçam topografias inventivas que rompem os espaços retilinearmente pontuados, apontando “[...] a linha de espuma do que é possível atingir exatamente sobre a areia do silêncio” (FOUCAULT, 2009, p. 28) que surge por entre os vazios na quietude dos encontros bebeversados por balbucios e gesticulações.

Acaso sejam os encontros coloridos que inspiram palavras, ousamos dizer sobre o que experimentam os bebês em seus ajuntamentos com outros novos mundos possíveis. Esses policromáticos encontros porventura tornam-se suspeitos ideais transmutados em réus, em meio às oitivas docentes que buscam um caminho reto, apático e cinzento, de quem os julga saber algo. Nesse caminho-prisão, utilizam-se dos apequenados corpos para preencher expectativas adultizadas de uma produção em que se espera uma estética normatizada pelas infindáveis reproduções tarefairas numa pedagogia muda, apesar do excesso de palavras, que não possui algo a dizer acerca do que podem os bebês. Ou talvez, ditem o que eles podem, impondo muralhas contentoras em suas inventividades.

Assumimos parte dessa culpa que historicamente nos foi imposta, mas preferimos denominar nossa participação no roubo de palavras, pois, apesar de tudo, usamos palavras para traçar um arco-íris colorido pelos bebês em suas trajetórias crianceiras, na busca não dita por um pote de tesouro dourado em seu suposto fim.

Mas os arcos-íris, por sua vez, não se apresentam em forma de arcos, e sim de círculos que nos levam a um eterno retorno (DELEUZE, 2021), criando variações de cores únicas que não podem ser capturadas em um tesouro precioso. Por isso, não é viável seguir padrões repetitivos em uma prática pedagógica que não considera as múltiplas possibilidades das elaborações infantis e suas criações.

Essa multiplicidade colorífica não se efetua em uma unicidade dourada, mas na diferença rizomática de uma multiplicidade de cores por onde percorrem os bebês e suas descobertas em meio aos acontecimentos. Para Deleuze (2012, p. 135), o acontecimento “[...] é uma vibração com uma infinidade de harmônicos ou de submúltiplos, tal como uma onda sonora, uma onda luminosa, ou mesmo uma parte de espaço cada vez menor ao longo de uma duração cada vez menor”.

(In)conclusões que arquejam respirar modos outros de bebeversar

Por conseguinte, não é possível percorrer essa jornada com a expectativa de encontrar somente um pote de tesouro e considerá-lo uma riqueza. Afinal, não estamos nos referindo a preciosidades quantitativas, pelo contrário, seguimos em meio às multiplicidades nômade do

aprendizado, imersos em cores de arco-íris que explodem, ultrapassando as barreiras das telas representantes.

Consideramos então nos afetar junto ao encontros com os bebês, alçando voos do peixe voador que transborda a superfície dos mares para arquejar ares que possam fazê-lo respirar para além do mesmo, para além das bordas dos que julgam ser os únicos espaços por onde transitam os bebês. Eles resistem, transgridem e transviam as entrelinhas que ousam delimitar suas forças e irrompem os limiares para expandir seus modos infindáveis de aprender, inventar e comunicar.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. Currículos tecidos em redes de conversações: para além da objetivação do outro. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 90-107, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/133/78/424>. Acesso em: 30 dez. 2022.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Alimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

FOUCAULT, Michel [1963]. Prefácio à transgressão. *In*: FOUCAULT, Michel. **Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e Escritos III).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

[1] Nomeamos “bebeversações” e suas variáveis os movimentos múltiplos e singulares na linguagem dos bebês.

[2] Este fragmento do texto escrito pelas autoras, ousa lançar olhares e afetos acerca das imagens, mas considera de forma pungente que não se constitui verdade única e que também reverbera ondas de potência junto a cada um que entra em relação com as imagens, formando uma rede coletiva tecida pelos múltiplos fios em cada ajuntamento.